**FRANCISCO, BISPO DE ROMA NÃO QUER CLERICALISMO**

Na sua última exortação apostólica, Francisco, papa e bispo de Roma, continua a reafirmar que quer uma Igreja liberta do clericalismo. Por isso está pronto a erradicá-lo. Por isso mesmo no ponto 100 da sua exortação refere que se deverá defender as mulheres do “clericalismo”, porque tal é um empobrecimento da sua indispensável colaboração. Penso, que em toda a documentação da atual papa, se distingue com alguma clareza o que é servir a Igreja e a Humanidade, na sua totalidade cósmica, o que se entende por padre, presbítero e sacerdote. A Igreja Católica Romana vai caminhando e entendendo que o sacerdócio é coisa do Antigo Testamento, o padre uma palavra que está em completo desuso dado que é a expressão máxima do clericalismo, mas o presbítero está ao serviço contante de outro. Acabar com uma eclesiologia autoritária que vigorou desde Pio X ao Vaticano II, obscurecida depois e uma sua reposição durante tantos anos até ao nosso século presente, de que os leigos estão ali para sustentar os seus padres, que se lhe dirigem e a quem têm e obedecer, por causa da sua alma ter de estar no céu é aberrante e intolerante. A questão, agora, assume proporções alarmantes dado que esta práxis já é estendida ao diaconado, por isso eu pergunto constantemente se Francisco não está já a proteger as mulheres da tão injusta situação em que se encontram os padres e obedientemente, agora, o diaconado.

Abolir o clericalismo será mais que uma abertura ao sacerdócio comum dos fiéis, será acabar com as Eminências, com os Excelentíssimos e os Dons. Será saber que o centro central da vida cristã, é a o sacramento que une toda a família cristã, a Eucaristia, como “sacerdócio comum”, em que quem preside é Jesus, no místico mistério. Jesus que já salvou toda a humanidade, que priorizou com o seu sacrifício na cruz, toda e qualquer ação humana.

A exortação apostólica última esbarra com uma dificuldade de não ter mais clareza e temos de ler nas suas entrelinhas, e naquilo em que omite. A construção de uma eclesiologia (re) novada passa pela compreensão, dos escritos bíblicos, de que Jesus é o único mediador entre Deus e a humanidade e o sacerdote eterno, que nos deixou o seu Espírito Santo como condutor dos seres vivos.

Hoje os chamados “padres” e consequentemente os diáconos, pretendem assumir, são como uma omnipresença eclesial, quando o povo de Deus e a Humanidade possui Jesus e o seu Espírito presentes na Igreja. Esta necessita de organização e de “graus de confiança”, os bispos, os presbíteros e os diáconos, mas que esses “graus de confiança” sejam de um ministério ordenado por um sacramento ou ato sacramental, mas são por agora homens e solteiros - nem em toda a Igreja Católica é assim -, mas das sensibilidades únicas das mulheres e homens casados ou não, que possam aceder a esses “graus de confiança”, quais pastores que conhecem as suas ovelhas, e não aqueles que as deixam perdidas, porque querem o “comando” das operações e a sabedoria da “iluminação”. Ora o Espírito do Senhor ilumina como quer, onde quer e quem quer.

O clericalismo deforma a perspetiva de uma Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, porque se requer nele todas as funções da “sabedoria”, da “experiência”, das “graças”, das “santidades”, do “divino”, da “capacidade”, e só por ele se encontra Jesus, quando não é isso verdade, muitas vezes, e infelizmente, são dignos do “mau testemunho”. Esquecem-se de que as cristãs e os cristãos são o “povo santo”, a sabedoria que por Ele próprio dimana em colégio e sínodo, o que é crido em todos os tempos e em todos os lugares, como católico, na unidade no certo, liberdade no incerto, amor em tudo, como refere Santo Agostinho de Hipona.

Quero acreditar que Francisco, papa, percebe que ainda não chegou o momento da ordenação de mulheres e homens, casados ou não, por uma questão de dar luta à nefasta doença do clericalismo.

Também acredito que “fugir” deste tema é como “fugir” dos nossos tempos e lugares e poderá tornar-se uma situação inacreditável e irrecuperável, vindo a Igreja Católica Romana a perder credibilidade, e não sei se um dia destes os “padres” só terão eles como Igreja e passarão a não ter o Povo de Deus, que possui todos os méritos. Acredito também que o Espírito do Senhor está a atuar e não deixará que aconteça isso à Sua Igreja.

**Joaquim Armindo**

**Diácono – Porto – Portugal**

Professor Doutor, em Ecologia e Saúde Ambiental